

Oficina Congado: coroação do rei Congo

*Cláudia Renata Pereira de Campos**

Resumo: Neste trabalho, apresento o relato de experiência de uma prática pedagógica referente ao ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, realizado entre os meses de maio e agosto de 2010, a partir da aplicação da oficina “Congado: Coroação do rei Congo”, em crianças de quinta e sexta séries do Ensino Fundamental – Projeto Amora do Colégio de Aplicação/UFRGS. A oficina visou a apresentar e problematizar traços característicos da cultura afro-brasileira e, sobretudo, inserir no currículo de ensino básico temas referentes à história da África e afro-brasileira, tendo como resultado a organização de um congado, adaptando-o à comunidade escolar. A proposta de trabalho estava voltada para o diálogo do tema étnico-racial com outras disciplinas, a partir do enfoque da “Pedagogia da diferença”, de Rocha. Durante os encontros, foram realizadas diversas atividades de caráter teórico-prático, desenvolvendo as habilidades e as competências dos alunos. A oficina contribuiu para a valorização da cultura afro-brasileira na escola, possibilitando a realização de atividades interdisciplinares (História, Geografia, Arte, Música, Português e Educação Física) e, sobretudo, reforçou as iniciativas de implementação da lei 10.639/03 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Palavras-chave: Congado; Cultura afro-brasileira; Lei 10.639/03.

* Mestre em História (PUCRS) e especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana (Fapa). Professora de História na Escola de Ensino Fundamental Neo-humanista Ananda Marga. E-mail: crp.campos@hotmail.com

Abstract: This paperwork reports the experience of a pedagogical practice related to the teachings of History and Afro-Brazilian and African Culture, developed between may and August, 2010, as an application of the workshop ‘Congado: Coronation of Congo’s King’, with children at 5th and 6th grade of Elementary School – Projeto Amora of Colégio de Aplicação/UFRGS. The workshop had the goal of presenting and discussing specific features of the Afro-Brazilian culture and, mainly, add to the Elementary and High School curricula elements related to Africa and Afro-Brazilian culture, resulting in the formation of a Congado which would be adapted to the community of the school. The Project proposition aimed the dialogue between the ethnic-racial themes and other school subjects, based on ‘Pedagogia da diferença’ [Pedagogy of the difference], by Rocha. Many theoretical and practical activities were developed during the meetings, what helped the students to develop skills and competences. The workshop contributed to the valorization of the Afro-Brazilian Culture in the school, turning possible the accomplishment of interdisciplinary activities (History, Geography, Arts, Music, Portuguese Language and Physical Education) and, above all, reinforcing the initiatives to implement Law 10.639/03 at Colégio de Aplicação of Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Keywords: Congado; Afro-Brazilian culture; Law 10.639/03.

A oficina “Congado: Coroação do rei Congo” tratou-se de uma experiência de Ensino de história e cultura afro-brasileira e africana para crianças de quinta e sexta séries do Ensino Fundamental – Projeto Amora¹ do Colégio de Aplicação/UFRGS entre os meses de maio e agosto de 2010. A proposta de trabalho

1 O Projeto Amora foi criado em 1996 com objetivo de integrar as tecnologias da informação e comunicação ao currículo escolar. O projeto recebe o nome de “Amora” numa relação simbólica entre as características do fruto e a transitividade inspirada pela palavra, o resultado que se pretende com o processo pedagógico dos alunos de 5^a e 6^a séries. O Projeto é composto das aulas especializadas (disciplinas), das atividades integradas, dos projetos de investigação, de articulação, de assessorias e oficinas. Home Page: <http://amora.cap.ufrgs.br/>

estava voltada para o diálogo do tema étnico-racial com outras disciplinas, ou seja, a interdisciplinaridade na perspectiva da “Pedagogia da diferença”, proposta por Rocha (2009).

A atividade teve como objetivos apresentar e problematizar traços característicos da cultura afro-brasileira e, sobretudo, inserir no currículo de ensino básico temas referentes à história da África e afro-brasileira, tendo como resultado a organização de um Congado, adaptado pelos alunos à sua realidade escolar.

Durante os encontros, foram realizadas diversas atividades de caráter teórico-prático, desenvolvendo as habilidades e as competências dos alunos. Segundo Cruz (2005, p. 29), “[...] a competência é a capacidade que as pessoas desenvolvem de articular, relacionar os diferentes saberes, conhecimentos, atitudes e valores, construídos por intermédio de sua vivência e por meio dos conhecimentos construídos na escola”. Ainda, o autor afirma que “as habilidades, por sua vez, expressam as competências, tornam claro o sentido e a concretude de valores e atitudes desejados e tematizados no referencial” (CRUZ, 2005, p. 49).

A oficina “Congado: Coroação do rei Congo” buscou construir através dessa manifestação cultural uma manifestação cultural que tem em si as marcas do Brasil mestiço e hibridizado. Tornou-se, segundo relato dos estudantes, uma experiência positiva e enriquecedora para o processo educativo do Projeto Amora, no sentido de possibilitar, como competência, o reconhecimento das diferenças e das diversidades brasileira e escolar. A oficina foi elaborada tendo como referência a lei 10. 639/03, que determina a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nas instituições de Ensino Básico.

A legislação inseriu no processo educacional a discussão sobre os princípios e valores das africanidades brasileiras, de maneira sistematizada, no cotidiano escolar com o intuito de que as diferenças e as diversidades sejam respeitadas. A sistematização da abordagem dessa temática respaldou as atividades voltadas para esse enfoque dentro da comunidade escolar, que historicamente ficaram à margem do currículo. Conforme as Diretrizes

Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, p. 15),

[...] pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar como outras pessoas, notadamente as negras.

O professor voltado para as pedagogias de combate ao racismo e à discriminação deve criar estratégias que abordem essas complexidades existentes na sociedade, trabalhando pedagogicamente as diferenças e as diversidades, não de maneira excludente, mas envolvendo todos os alunos no processo. No momento em que o aluno se vê inserido nesse contexto histórico-cultural, começa a respeitar as diferenças e, concomitantemente, passa a valorizar a história e a cultura dos diferentes grupos que existem dentro do espaço escolar. Segundo Rocha (2009, p. 29), “é preciso expressar esteticamente, nas produções escolares, o Brasil que somos, fruto dos indígenas, europeus, africanos e asiáticos, com suas matrizes e heranças fenotípicas e culturais.” A coroação do rei Congo é uma delas.

O Congado é um folguedo que mescla cultos católicos com africanos num movimento sincrético, sendo reconhecido atualmente como um ritual da tradição afro-brasileira. É uma dança que representa a coroação do rei do Congo e apresenta elementos de origem europeia, acompanhado de um cortejo compassado, cavalgadas, levantamento de mastros e música. Ocorre em várias festividades ao longo do ano, mas especialmente no mês de outubro, na festa de Nossa Senhora do Rosário (LOPES, 2004, p. 202).

No primeiro encontro da oficina, foi narrada à história do Congado no Brasil, a partir da lenda de Chico-Rei. Segundo

a tradição oral, a coroação do rei do Congo está relacionada à história de Chico-Rei. Durante a viagem pelo Atlântico entre a África e a América, vítima do tráfico escravista, Francisco foi separado da mulher e de seus filhos, ficando apenas na companhia de um deles. Como escravo, foi para Vila Rica onde, com o passar do tempo, juntou suas economias adquiridas no trabalho aos domingos e dias santos, para comprar sua alforria e a do seu filho. Também, obteve a alforria dos demais súditos de sua nação que o apelidaram de Chico-Rei. Ele se casou com uma “nova rainha” e, juntos, organizaram a Irmandade do Rosário e Santa Efigênia. Chico-Rei e seus súditos, juntos, adquiriram uma mina e com recursos que provinham dela, construíram a Igreja do Alto da Cruz, em Ouro Preto, Minas Gerais.

No mês de janeiro, ocorria a festa dos Reis Magos e, em outubro, a de Nossa Senhora do Rosário. Nessas solenidades religiosas, a corte do Chico-Rei apresentava-se antes da missa cantada, abrindo o caminho para o seu rei e para sua rainha. Os soberanos eram precedidos de batedores, seguidos de músicos e dançarinos, entoando ladainhas. O cortejo levava o rei até a igreja para ser coroado e os acompanhavam depois com danças e cânticos nos cortejos (CASCUDO, 2001, p. 149-150). Segundo Souza (2006, p. 273), a manifestação centra-se na “[...] coroação dos reis dentro da igreja, pelo sacerdote, por ocasião da festividade realizada pela irmandade em homenagem ao santo padroeiro, com data variável dependendo da irmandade, do lugar e da época em questão”.

No momento da narração do mito fundador, foi ressaltado o processo histórico de escravismo no circuito África-Brasil, o período que envolve o reino cristão do Congo, a localização no continente africano do antigo reino do Congo e o país atualmente. Também, a localização das regiões no Brasil onde se concentram as Congadas, como Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, com suas denominações e especificidades. Os mapas políticos foram utilizados como material didático.

No Brasil atualmente, como destaca Lopes (2004, p. 202), há várias versões das Congadas, as quais mudam de região

para região. Em alguns lugares, é a evocação de lutas de grupos adversários, através da dramatização de embaixadas de guerra e paz; mistura de aspecto ritualístico, para homenagear os Santos Católicos, como Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Nossa Senhora Aparecida, São Benedito, Santa Efigênia, também, o Divino Espírito Santo. Todos, no entanto, têm como “ponto alto” da festa é a coroação do rei do Congo. Segundo Silva (2008, p. 241), no período colonial havia uma política da catequese da Igreja Católica, pois era a única religião permitida na época. Isso levou ao surgimento de várias festas populares. Ainda ressalta que:

Nas festas da igreja, então associada ao governo colonial, era permitido relaxar as atividades de trabalho e era incentivada a participação dos escravos na criação das modalidades festivas. Estas ocasiões tornaram-se oportunidade para que aos aspectos puramente católicos fossem incorporadas manifestações das religiões africanas das etnias de onde os escravos procediam (SILVA, 2008, p. 241).

Nessa etapa da oficina, foi destacado também que a cultura afro-brasileira provém da oralidade dos africanos escravizados e seus descendentes, sendo reconstruídas pela memória coletiva e originando diferentes versões para a mesma história. A diferença das versões se deve ao processo de transmissão dessa cultura. Brasileiro (2010, p. 52) reforça que “[...] as congadas são tradicionalmente transmitidas de gerações a gerações através da oralidade, uma vez que a palavra é seu instrumento vital.” A inexistência de uma versão estabelecida oferece diferentes possibilidades e uma abertura para o trabalho. Por outro lado, “evidentemente, esse tipo de olhar não coaduna com a opção de currículo eurocêntrico que ainda tem servido de suporte às práticas pedagógicas brasileiras” (ROCHA, 2009, p. 19). Na oficina, por exemplo, foram apresentadas diferentes versões da organização da Congada, a partir de autores como Augusto Meyer e Nei Lopes.

Meyer (2001, p. 45) descreve que na frente do folgado vem o capitão-chefe, logo depois da bandeira do santo

homenageado, seguido de duas alas, de seis a oito cada uma. O capitão-chefe é quem começa o canto e a dança. No meio, aparecem os músicos e seus instrumentos. O grupo sai da casa do festeiro [quem organiza a festa] para buscar o rei Congo e a Rainha Ginga. Depois marchavam para a Igreja a fim de fazer a coroação do rei e assistir a missa.

Lopes (2004, p. 202) explica, por sua vez, que o folguedo ocorre em dois momentos: a marcha e a embaixada. O primeiro momento é a marcha até o local da apresentação, quando os cânticos são entoados, ao som dos instrumentos. Durante a marcha, os congadeiros desfilam com duas alas à frente, seguidas de seu embaixador e ficando atrás a família real. A presença de duas guardas é recorrente nos relatos. A guarda de Congo puxa os dançantes, em movimento rápido. Embaixada é o momento em que os dois grupos se opõem, sendo às vezes os Congos e a família real. Somente o rei fica sentado, observando o decorrer do enfretamento, que desenvolve na sequência o desafio, a luta e a conciliação.

Lopes (2004) também elenca outras formas do desenvolvimento do Congado: confronto entre invasores e invadidos, sendo que os dois grupos são africanos, sempre com a vitória dos invadidos e a conciliação. Muitas vezes, há o confronto entre a Rainha Ginga e as forças resistentes do rei Congo, com a derrota dos invadidos e a submissão, ou morte do rei e da sua família. Também há registro do confronto de forças invasoras e invadidas fora do contexto africano, onde ocorre o enfretamento do exército cristão de Carlos Magno e dos mouros invasores.

A oficina não ficou apenas na narração dos mitos, nas diferentes versões históricas e no imagético. No encontro seguinte, foram apresentados dois documentários *Congado – A fé que canta e dança* e *Congada Mineira*, nos quais os alunos puderam observar a história contada pelos próprios congadeiros, a organização por parte dos mesmos para a festividade, a indumentária utilizada, as músicas cantadas, os passos de danças e a coroação do rei Congo, escolhido para aquele folguedo.

Depois de debaterem as informações adquiridas nos encontros e nos documentários, os alunos foram divididos em dois grupos para montar um roteiro para o folguedo. Também entre os grupos escolheram o santo que iriam homenagear, definindo a divisão dos personagens, a indumentária e o material que iriam utilizar para a confecção da indumentária e ornamentação.

O primeiro objeto confeccionado foi o estandarte do santo homenageado, elemento que vai a frente dos congadeiros. Um dos grupos (1) escolheu a Nossa Senhora Aparecida e o outro grupo (2), o Divino Espírito Santo. Os dois grupos confeccionaram o estandarte em não tecido (TNT), cabo de vassoura, fitas mimosas coloridas e a imagem em fotocópia colorida do santo homenageado. A confecção dessa indumentária estendeu-se por vários dias. Nas fotos abaixo, pode ser observado o trabalho do Grupo 1 confeccionando o estandarte da congada:



Fonte: Fotos Prof^a Cláudia Campos

Ao concluir o estandarte, passaram a confeccionar as roupas que iriam utilizar na apresentação da Congada. No Brasil, atualmente, as vestimentas modificam de região para região. Em Minas Gerais, seus participantes vestem-se de branco, com saiote de fitas coloridas e o Rosário de Lágrimas a tiracolo (CASCUDO, 2001, p. 149). Para a oficina, cada aluno trouxe uma camiseta branca,

tecidos e fitas coloridas, além de tintas de tecido e canetinhas, a fim de customizar as camisetas.



Fonte: Fotos Prof^ª Cláudia Campos

Os alunos também confeccionaram os guizos, com tampinhas de refrigerantes e pedrinhas, forrando-as com não tecido. Conforme Meyer (2001, p. 45), os congadeiros amarravam os guizos nas canelas, que com o movimento do corpo faziam barulho. Esses materiais foram feitos principalmente a partir da observação e reconstituição do documentário por parte dos alunos, demandando pouca intervenção por parte da professora. A intervenção se deu através de questionamentos a fim de fomentar os alunos a observar, interpretar e analisar o conteúdo que estava sendo apresentado e assistido.

Para finalizar a organização da Congada, foram apresentadas aos alunos as músicas da Congada e do Maçambique, das quais eles chegaram ao consenso de qual música escolher para cantar e dançar, ou seja, encenar o folguedo. A música *Prainha*, de Ivo Ladislau, foi escolhida e cantada pelo grupo:

Prainha

Capitão chefe desta congada
Hoje tem festança, tem festança.
A moçada toda alinhada
Pra cair na dança, cair na dança.

Lá na prainha
Tem puita e machacá
E o maçambique
Tão gostoso de *dançá*.

Ai, vira os *pé* morena
Deste jeito maçambique.
Um gostoso vai e vem,
Que a gente quer repique.

Tem alferes capitão
Guia da dança...
Nosso rei, nossa rainha,
Com sorriso de criança.

Oi, *moía os pé*, (oh morena)
Nessa lagoa
Um baile recheado
Muita Ana e rosca boa.

Seu tamboreiro
Cuida bem da marcação
Os pés estão descalços
Saçaricam pelo chão
E quando o povo
Vem dançar o maçambique
A festa vara a noite
E não há quem não fique.

Depois de compreendida e assimilada, os alunos adaptaram a Congada a sua vivência, criando a sua coreografia. O interessante desse momento foi que houve um diálogo entre meninas e meninos em relação aos passos coreografados, enfatizando questões de gênero. Os últimos encontros da oficina serviram para os alunos ensaiar a apresentação da Congada, principalmente a dança. Para Souza (2006, p. 307):

A dança dramática seria, assim, um ritual que revivia o mito, criado no processo histórico concreto das comunidades negras na América portuguesa, o momento de implantação de uma nova ordem, de criação de uma comunidade de africanos convertidos ao cristianismo.

A oficina Congada estabeleceu diversos momentos de diálogo com outras oficinas do Projeto Amora, principalmente *Por dentro da Copa e Turistando*, que estavam ocorrendo concomitantemente. A principal atividade foi uma palestra com estudantes da UFRGS oriundos do continente africano (Benin e Congo) e da diáspora (Jamaica). Eles relataram os hábitos e costumes do seu país de origem, os aspectos geográficos, e também, sua experiência no Brasil atualmente.

Os alunos das oficinas envolvidas no encontro fizeram perguntas para os estudantes, buscando relacionar os temas estudados nas oficinas com as falas. Também puderam contar o que estavam realizando em sua oficina e qual a ligação com o país do continente africano e da diáspora. No encontro com os estudantes africanos e da diáspora, também foi possível inserir um novo recurso didático ao trabalho dos alunos, a oralidade. Nesse sentido, essa interlocução serviu para aprofundar o objetivo fim da oficina que é a de inserir os temas e práticas pertinentes à diversidade étnico-racial no currículo. Para Rocha (2009, p. 26),

[...] a incorporação da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira aos conteúdos escolares, bem como a expressão estética do pertencimento racial de seus estudantes, através da iconografia dos textos, dos desenhos, dos manuais, poderá promover, na escola, a criação de clima favorável à socialização dos(as) estudantes negros(as). Tal ambiência deverá ser criada também entre os profissionais com relação ao recon-

hecimento da necessidade de se construírem, coletivamente, alternativas pedagógicas, propostas inovadoras e recursos didáticos adequados [...].

O relato de experiência dos estudantes da UFRGS aproximou os alunos negros e brancos brasileiros na diferença e, por vezes, causou certa estranheza. A alimentação foi o principal motivo do estranhamento. Os estudantes africanos enfatizaram que a alimentação no Brasil é igual todos os dias, feijão com arroz, mudando apenas o complemento. Contaram que em seus países de origem o cardápio não se repete. Para cada dia, há uma comida diferente, sendo à base de molho.

A conclusão do trabalho ocorreu no *Festival de Oficinas*² do Projeto Amora, atividade de fechamento de todas as oficinas. Os alunos explicaram para os demais colegas e professores o que é uma Congada e fizeram, também, a apresentação do folguedo, com a indumentária, coreografia e canto produzidos e ensaiados por eles durante os encontros.

Considerações finais

A oficina contribuiu para a valorização da cultura afro-brasileira na escola, possibilitando a realização de atividades interdisciplinares, como em História, a partir do processo do tráfico negreiro, o reino cristão do Congo e relatos orais de geração para geração que foram construindo e mantendo a Congada; o Português, também, relacionado com a oralidade e a letra da música do folguedo; a Geografia com os mapas e relatos dos estudantes africanos; a Arte com a confecção da indumentária da Congada; a Música e a Educação Física nos ensaios do folguedo. Na oficina, ocorreram atividades interdisciplinares que envolveram várias áreas do conhecimento.

Ressalta-se que a oficina *Congado: Coroação do rei Congo* reforçou as iniciativas relacionadas à efetiva implementação da

2 O festival é o momento em que os alunos apresentam para seus colegas o que eles aprenderam e produziram na sua oficina.

lei 10.639/03 no Colégio de Aplicação/UFRGS. Os alunos, no processo de construção conhecimento e produção da Congada assimilaram elementos da cultura afro-brasileira e de sua origem, tornando-se multiplicadores dessa história oral junto à comunidade escolar. A oficina possibilitou mostrar também que a escola é lugar de multiplicidade de linguagens, podendo construir um novo sujeito que respeita a diversidade.

Referências

- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura popular brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- BRASILEIRO, Jeremias. *Cultura afro-brasileira na escola: o congado em sala de aula*. São Paulo: Icone Editora, 2010.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.
- CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. *Competências e Habilidades: da proposta à prática*. Coleção Fazer e Transformar. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/SEPP/IR/SECAD/INEP, 2004.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- MEYER, Augusto. *Guia do folclore gaúcho*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *O Congado para crianças*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2006.
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Pedagogia da Diferença*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.
- SILVA, René Marc da Costa. *Cultura popular e educação – Salto para futuro*. Brasília: TV Escola/SEED/MEC, 2008.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista – história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Humanitas, 2006.

Documentários:

Congado – A fé que canta e dança. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 20 maio 2010.

Congada Mineira. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 20 maio 2010.